



MODOS DE SER DA JUVENTUDE OCIDENTAL

Prof. Dr. Luiz Antônio Dias¹

<http://lattes.cnpq.br/1974637581180796>

Prof. Dr. Rafael Lopes de Sousa²

<http://lattes.cnpq.br/2894569135491640>

86

RESUMO – O presente artigo é resultado de investigações ainda em andamento no Grupo de Pesquisa “Culturas juvenis, consumo e mobilidade urbana na contemporaneidade”, iniciadas em 2013 junto ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). A pesquisa dedica-se a entender, entre outras reflexões, o percurso dos jovens na sociedade contemporânea e as contribuições que eles trouxeram para repensar o espaço urbano. Nesse estudo buscamos localizar no espaço e no tempo em quais condições históricas o sentimento de juventude apareceu para a sociedade. Em seguida, fazemos um minucioso levantamento da trajetória dessa nova categoria social nos mais diferentes períodos da história contemporânea. Chegamos, assim, ao século XX, momento em que as reuniões juvenis deixam de ser fatos isolados e adquirem conotações de manifestações verdadeiramente sociais. Ainda nessa perspectiva de análise, buscamos compreender as similitudes, aproximações e distanciamentos do movimento *punk* com seus congêneres do passado.

PALAVRAS CHAVE – jovens, música, lazer, conflito urbano.

ABSTRACT – This article is the result of investigations still underway in the Research Group "Youth cultures, consumption and urban mobility in the contemporary world", initiated in 2013 by the Interdisciplinary Master's Program in Human Sciences from the University of Santo Amaro (UNISA). The research is dedicated to understanding, among other considerations, the route of young people in contemporary society and the

¹ Luiz Antônio Dias, doutor em História Social (UNESP). <http://lattes.cnpq.br/1974637581180796> . Professor do deptº de História da PUC/SP, professor do programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas UNISA. São Paulo, Brasil. luizhistoria@yahoo.com.br

² Rafael Lopes de Sousa, doutor em História Social (UNICAMP). <http://lattes.cnpq.br/2894569135491640> Professor do programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas UNISA. São Paulo, Brasil. canoieiros2008@gmail.com



contributions they brought to rethink the urban space. In this study we seek to locate in space and time in which historical conditions the youth feeling appeared to society. Then we do a thorough survey of the trajectory of this new social category in the most different periods of contemporary history. Thus we come to the twentieth century, at which time youth meetings are no longer isolated facts and acquire truly social manifestations of connotations. Also in this analysis perspective, we seek to understand the similarities, similarities and differences of the punk movement with their counterparts of the past.

KEYWORDS – young , music, recreation, urban conflict.

Durante os anos 1960 e 1970, os estudos acadêmicos que analisavam o comportamento social dos jovens tinham o seu foco de interesse voltado quase que basicamente para jovens de classe média. Essas análises quase sempre tinham como base de reflexão os estudantes universitários. A partir dos anos 1980 e principalmente dos anos 90, esse foco de interesse foi, lentamente, sofrendo alterações, surgindo assim estudos preocupados com os marginalizados, com os despossuídos, enfim, com os excluídos do processo social.

87

Este é, aliás, um dos pontos de partida para uma abordagem que passa a levar em consideração também as angústias e aflições vividas pela juventude dos anos 1980 para cá, em contraponto à abordagem que via a juventude apenas como agente político. Para examinar melhor essa questão, podemos seguir os argumentos que Herbert Marcuse (1982) nos fornece em um estudo dos anos 1960; já naquela época Marcuse apontava para novas perspectivas de análise ao afirmar:

Por baixo da base conservadora popular está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos, de outras raças e outras cores, os desempregados e os não empregáveis. Eles existem fora do processo democrático; sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de pôr fim às condições intoleráveis. Assim sua posição é revolucionária, ainda que sua consciência não o seja (...). O fato de eles começarem a recusar jogar o jogo pode ser o fato que marca o começo do fim de um período (MARCUSE, 1982, p. 235).

Marcuse mostra-nos que, na sociedade urbano-industrial, novas categorias sociais emergem e querem também, ainda que não clara e objetivamente, ter participação nos



processos decisórios da sociedade. Essas novas categorias, saindo da condição passiva, procuram novas formas de viver e confrontam-se diretamente com a ordem estabelecida; o fato é que, “fora do processo democrático”, eles tendem cada vez mais à radicalização.

Temos aí a base de uma nova juventude que atua em campo diametralmente oposto ao de suas congêneres do passado. Se por um lado, nos anos 1960 e 1970 a juventude estava voltada para a busca de uma atuação política que os levaria irremediavelmente a uma sociedade mais equânime, onde as injustiças sociais seriam imediatamente dissipadas, por outro lado veremos que, dos anos 1980 para cá, cristalizou-se na sociedade uma juventude que não remete para o futuro a resolução das aflições que vive no presente; por isso, sua atuação é marcada por uma intervenção direta no mundo cotidiano, buscando novas formas de prazer e de entretenimento que a leve, necessariamente, a uma nova relação de vida com as normas estabelecidas.

Os mais diversos pesquisadores que se dedicaram a estudar o fenômeno social da juventude, são unânimes em apontar para uma significativa alteração no comportamento social dos jovens no decorrer do século XX, quando, no todo mais fortemente influenciados pela indústria do entretenimento, passaram a resistir aos valores do mundo adulto e a questioná-los.

Antes de nos embrenharmos na explicação das bases em que se ancorava essa juventude, é importante traçar-se um breve histórico de sua trajetória, a fim de compreendermos as mutações processadas em seu comportamento no decorrer da história moderna; neste sentido, vale a pena acompanhar os argumentos de Philippe Ariès (1984) no seu vigoroso estudo: **História Social da Criança e da Família**.

Segundo Ariès, o homem da Idade Média não tinha uma perfeita compreensão do que significava o mundo na infância. Desse modo, as crianças eram projetadas muito prematuramente para o mundo da responsabilidade no aprendizado dos ofícios da vida adulta quando, da tenra idade ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude.

Ariès observa que nesta sociedade tradicionalista reinava a mais absoluta confusão entre o universo familiar e o mundo social mais amplo. Essa confusão, ainda segundo o autor, era, até certo ponto, o reflexo das inabilidades daquela sociedade em separar o



mundo infantil do mundo adulto, na medida em que a passagem da criança para a vida adulta acontecia sem nenhuma preparação especial. Dessa maneira, a socialização da criança fugia ao universo familiar para ganhar amparo no mundo da sociabilidade coletiva. “A criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos”. (ARIÈS, 1984, p. 10)

Essa introdução prematura da criança no mundo adulto caracteriza, segundo o desapego que a família daquela sociedade tinha para com suas crianças. Esse desapego era de tal maneira elevado que, até mesmo a educação mais elementar das crianças era confiada a estranhos. A educação onde a criança é entregue a estranhos para aprender os ofícios do mundo adulto foi, com efeito, preponderante no decorrer da Idade Média. No entanto, a partir do século XV com a ascensão da burguesia ao mundo dos negócios, essa educação mostrou-se completamente obsoleta em relação às novas necessidades da sociedade em perspectiva. Assim sedimentava-se no ideário da burguesia o interesse de criar um centro onde seus filhos pudessem, verdadeiramente, se preparar para a vida social mais ampla.

89

No decorrer dos séculos XV e XVI, um novo sentimento de infância vai se desenvolvendo nas sociedades europeias, deixando para trás aquela infância mal compreendida da sociedade tradicional. Nesse momento, a instituição escolar desponta como a grande responsável pela consolidação de um novo sentimento de infância, pois, doravante, é na escola que a criança passa a maior parte de seu tempo, até ficar suficientemente madura para ingressar no mundo adulto. A escola funciona, então, como uma espécie de **quarentena** onde as crianças ficavam antes de entrar para o mundo da responsabilidade.

No século XVI, entretanto, a instituição escolar sofreu duas mudanças estruturais significativas que contribuíram de maneira decisiva para sua efetiva consolidação: primeiramente, a criação das classes escolares – que serviu de base para as primeiras tentativas de separação etária da população escolar; a outra mudança foi o contínuo prolongamento da idade escolar dos alunos, permitindo que a infância avançasse até o período da adolescência.



A extensão progressiva do período de aprendizado escolar - que acontece a partir do século XVII - abriu espaço para o nascimento de um período intermediário entre a infância e a maturidade. Nessa nova etapa de organização da sociedade, a infância foi prolongada além dos anos em que o garotinho ainda andava com o auxílio de guias.

Uma das bases para a separação entre a infância e o mundo adulto, intermediado pela adolescência e a juventude, foi o desenvolvimento da instituição escolar que ocorreu nas sociedades européias entre os séculos XV e XVII. Para o autor, o destaque granjeado pela juventude no mundo moderno está também relacionado ao crescimento da escola que, não obstante seu caráter elitista e excludente (século XVII) ampliou-se e popularizou-se para atender a um número cada vez maior da população do século XVIII em diante.

A divisão da escola por ciclos - um ciclo curto (primário) para o povo que não podia se dedicar integralmente aos estudos e um ciclo longo (secundário) para burgueses, que exigia dedicação exclusiva - acelerou, por um lado, o fim das misturas generalizadas das idades e, por outro lado, transformou a escola em um espaço de crianças e jovens.

90

A mistura arcaica das idades persistiu nos séculos XVII e XVIII entre o resto da população escolar, em que crianças de 10 a 14 anos, adolescentes de 15 a 18 e rapazes de 19 a 25 frequentavam as mesmas salas. (ARIÈS, 1984, p. 176).

No século XIX e, principalmente, no século XX, a escola, ao mesmo tempo que ganha homogeneidade etária, expande também seus serviços para os mais diversos segmentos sociais, deixando de ser um privilégio de nobres e burgueses, passando, dessa maneira, a desempenhar importante papel na formação dos jovens de todas as classes sociais. É importante esclarecer, contudo, que esse processo de democratização da escola foi um fenômeno mais intensamente vivido pelo continente europeu. No Brasil os primeiros sinais dessa democratização aparecem nos anos 30, quando o governo Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação e em seguida estabelece a obrigatoriedade do ensino fundamental de 1º a 4º série em todo o território nacional.

Eisenstadt (1976) em seu clássico estudo, *De Geração em Geração*, aponta também para uma perspectiva de análise semelhante à de Ariès. A escola moderna por



meio de seu caráter universalista forneceu elementos para o desenvolvimento de uma nova e vigorosa condição juvenil que, no século XX, ganha visibilidade e passa a desempenhar papel de destaque como categoria social.

Assim, com a consolidação dos valores universalistas, a família, paulatinamente, deixa de ser o centro privilegiado de transmissão de conhecimento, pois as novas exigências de técnica e especialização estavam fora de seu universo de conhecimento.

Nas sociedades modernas a especialização econômica e profissional baseia-se na acumulação de conhecimento técnico, cuja transmissão está fora das possibilidades da família e exige a passagem por um período de aprendizagem e preparação, cuja extensão está geralmente relacionada ao grau de especialização. (EISENSTADT, 1976, p. 146).

A escola moderna por intermédio de sua organização - separação etária, período fixo de estudo, etc. - forneceu as bases para a emergência de grupos juvenis que em suas manifestações cotidianas, desenvolveram uma ideologia específica de contestação aos valores previamente concebidos pelo mundo dos adultos. É exatamente este aspecto rebelde, de recusa em absorver a herança social vigente, que dá à juventude um caráter potencialmente problemático.

91

Uma das características mais marcantes desse comportamento problemático da juventude manifesta-se nos conflitos geracionais.

As pessoas mais jovens geralmente começam a buscar uma nova identidade, e seja numa ou noutra etapa, essa busca passa a expressar-se em termos de conflito ideológico da juventude, ou passam a considerar a gente jovem como uma categoria cultural distinta. (*ibidem*, 1976, p. 156).

Eisenstadt, assim como Ariès, relaciona o destaque da juventude como categoria social ao desenvolvimento da instituição escolar no mundo moderno. De acordo com esses autores, duas mudanças básicas motivaram o surgimento de uma nova identidade juvenil. A primeira foi o fim do privilégio educacional, como verificamos antes, que a família deixa de exercer sobre seus filhos, posto que o conhecimento da família já não atendia mais às novas exigências técnicas da sociedade. Desse modo, a família abandona a



pretensão de transmitir conhecimento total a seus filhos e entrega-os a uma instituição especializada para isso; os adultos passam dessa maneira a trabalhar na vida privada para “formar os corpos e as almas de seus membros”.

A segunda mudança, que está diretamente relacionada à primeira, diz respeito ao contínuo prolongamento do tempo de estudo das crianças possibilitando, assim, que elas ficassem cada vez mais distante da família e, cada vez mais próximas de outras culturas, uma vez que a escola, a cada dia, se transformava no espaço de convivência dos mais diversos seguimentos sociais.

O contato persistente do jovem com outras culturas, além daquela transmitida pela família, forneceu a eles elementos para a formação de uma nova personalidade.

Assim, no decorrer do século XIX e, principalmente, do século XX, a juventude ganha visibilidade e importância como categoria social e, seu espaço de atuação estende-se para além dos muros das escolas, chamando, dessa maneira a atenção da sociedade para os seus problemas.

92

Historicizando as experiências juvenis na sociedade contemporânea

No mundo moderno a juventude amplia seus espaços de atuação, ganha visibilidade e passa a desempenhar papel de destaque como categoria social. Esse novo papel da juventude acontece por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, nas sociedades industriais, como verificamos nas análises precedentes, o conhecimento e a técnica estão fora das possibilidades de conhecimento da família, impelindo, dessa maneira, o jovem a buscar no mundo exógeno às tradições familiares os seus novos referenciais de vida. O segundo motivo básico é que, com os avanços técnicos dessa nova sociedade, o comportamento do jovem passou a ser regulado por valores universalistas; o que possibilitou o surgimento de uma ideologia e cultura específica da juventude.

A consolidação de alguns valores universalistas – trabalho assalariado, escola gratuita – combinados à ampliação do espaço público levou o jovem a abandonar a rigidez da hierarquia familiar e, em um mesmo movimento, buscar no mundo de hábitos e costumes mais flexíveis um **status igualitário**. O acontecimento que mais claramente aponta para esse fato é a formação nas sociedades modernas de grupos informais que, na



maioria das vezes, representam o desejo de emancipação frente à autoridade da família e das normas estabelecidas.

Outro estudioso do universo juvenil René Fau (1968), aponta que as características mais gerais desses grupos informais está na busca de proteção que a agressividade do grupo oferece. De acordo com seus argumentos, o apoio do grupo funciona como uma ponte para o desenvolvimento da autonomia do jovem na sociedade e, ao mesmo tempo, promove sua independência perante a família. Esta tese é também corroborada por outros estudiosos como, por exemplo, Léopold Rosenmyr (1968) que ao estudar algumas características da sociedade moderna pondera que, nas sociedades pós-industriais, os pais não exercem mais o controle absoluto sobre a escolha dos amigos de seus filhos. O desaparecimento dessa antiga estrutura abriu espaço para o surgimento de movimentos da juventude que contestassem o regime patriarcal e buscassem em um espaço de liberdade e autonomia as suas novas relações de amizade.

Para afirmar sua personalidade e seu sentimento de independência, o adolescente deve-se orientar para um novo papel social que se funda em larga escala, em sua aceitação e em sua adoção por outras pessoas que não os próprios pais. (ROSENMYR, 1968, p. 159)

O jovem estabelece nesse período de transição de sua vida uma posição de confronto com a ordem estabelecida que, de maneira mais restrita, é representada pela família e, de maneira mais geral, pela escola. Porém à medida que o indivíduo alcança sua autonomia plena e estabelece relações de autonomia para com a sociedade, o universo restrito do grupo deixa de ser seu único referencial de apoio.

Assim, o grupo existe para o indivíduo como um mecanismo de transição onde o jovem busca apoio e solidariedade contra as arbitrariedades da família e da sociedade. Esse fenômeno que leva o jovem a se organizar em grupos contra a ordem social existente ganhará vulto e visibilidade na passagem do século passado para o atual.

Karl Mannheim (1968) em seu clássico estudo, **O Problema da Juventude na Sociedade Moderna**, pontua que a juventude não é progressista por natureza, mas sim uma potencialidade pronta para qualquer mudança. O que configura tal potencialidade,



segundo Mannheim, são as transformações biológicas verificadas no organismo do indivíduo na adolescência, combinadas ainda com o fato de que nesse período, o jovem é obrigado a enfrentar o caos das valorizações antagônicas da vida pública, quando deve fazer uma separação radical entre os valores que o indivíduo aprendeu a respeitar em casa e as normas predominantes da vida pública. Essa discrepância de valores torna a juventude, especialmente apta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos que, por razões bem diferentes das suas estão insatisfeitos com o estado de coisas existentes. Esta tese fundamenta-se nos argumentos de que o jovem, ao chegar de fora à sociedade, e por não ter ainda interesses adquiridos na vida social, nem tão pouco funções estabelecidas no mundo dos negócios, é estimulado pelo grupo a questionar todos os valores sociais, estabelecendo, assim, uma disputa por status. Contudo, a partir do momento em que esse status é alcançado - quer através de interesses adquiridos na vida social (família constituída), quer através de funções assumidas no mundo dos negócios (trabalho) - o comportamento **excêntrico** do jovem passa para a defensiva e suas ações passam a serem dirigidas em favor da defesa do *status quo*.

94

É isso, aliás, de acordo com Mannheim, que explica o ímpeto revolucionário de todo o adolescente e que, ao chegar à maturidade e ao assumir as responsabilidades da vida cotidiana, ele passa para a retaguarda e assume uma posição mais conservadora.

Assim, o comportamento **anormal**, **excêntrico**, ou **agressivo** manifestado em movimentos juvenis pode ser caracterizado como uma fase de transição na vida do indivíduo que, por não ter ainda segurança de seus atos e também por não estar de maneira definitiva enredado ao *status quo*, busca no grupo o apoio necessário para desenvolver sua autoconfiança. O grupo funciona nesse momento como um estágio por onde o jovem passa antes de assumir as responsabilidades da vida social.

A. Cohen (1968) em seu famoso estudo, **A Delinquência como Subcultura**, ao estudar o fenômeno social da cultura juvenil, verifica igualmente que as dificuldades de ajustar o comportamento do indivíduo a uma norma já estabelecida valoriza no jovem um desejo incontrollável de mudança. Cohen argumenta que as novas técnicas - a escola, o cinema, o rádio, os jornais e as revistas - são manipulados pela classe média que procura estender para toda a sociedade seus valores de vida. Essa manipulação estabelece



um confronto com as camadas populares, que distantes da realidade de conforto e lazer da classe média, desenvolvem uma subcultura delinvente claramente caracterizada pelo repúdio explícito e generalizado dos padrões da classe média.

Ao estabelecer uma disputa pelo espaço social, ao renegar a hierarquia familiar e ao repudiar de maneira aberta e generalizada os valores da sociedade constituída, o jovem desenvolve um comportamento que quase sempre o põe à margem da sociedade, dificultando a sua integração social. O jovem torna-se, então, um verdadeiro problema para a sociedade na medida em que seus atos estão sempre questionando a ordem estabelecida

Esfera pública: espaço da juventude

Como verificamos nas análises precedentes, a criação do espaço escolar foi o marco de uma separação entre a esfera pública e a privada até então inexistentes, uma vez que no mundo da Idade Média reinava a mais absoluta confusão entre esses dois espaços.

95

Desse modo, será apenas a partir do Antigo Regime que a esfera pública ganhará importância enquanto espaço de sociabilidade juvenil. Em outras palavras, os espaços de sociabilidade - ruas, praças e parques - ganharam importância no Antigo Regime, uma vez que, com a progressiva ascensão da burguesia, a vida urbana deixava de ser privilégio da nobreza para se transformar em um espaço **denso** de encontros com as mais diferenciadas classes sociais.

A diversidade de novas categorias sociais que agora se inserem no espaço público trazem consigo uma mudança de linguagem e de comportamento sem precedentes para a formação de uma nova mentalidade que estava se manifestando naquela sociedade.

Essas mudanças estavam relacionadas com condições de comportamento e modos de crença na 'cosmópolis' do século XVIII. À medida que as cidades cresciam e desenvolviam-se redes de sociabilidade independentes do controle real direto, aumentaram os locais onde estranhos podiam regularmente se encontrar. Foi a época da construção de enormes parques urbanos, das primeiras tentativas precípua de passeio de pedestres, como forma de lazer. (SENNETT, 1988, p. 32).



Assim, tanto no campo das necessidades (escolas), como no campo do lazer (parques e praças) surgiram padrões de integração social adequados a uma nova realidade que passa a existir a partir do século XVIII. Todavia, nem as necessidades nem o lazer foram capazes de elevar a juventude como fator de preocupação social nos séculos XVIII e XIX; nesse período, a juventude ainda desempenhava papel secundário na sociedade. Ela só ganhará destaque como categoria social a partir do século XX.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o comportamento social da juventude tornou-se um fenômeno de inquestionável oposição aos valores defendidos pelas velhas gerações, pois a morte de centenas de jovens nos campos de batalha, enquanto as velhas gerações ficavam na retaguarda, sem colocar a vida em risco, gerou nos jovens um sentimento de repulsa contra tudo aquilo que representava o mundo dos adultos. Desse momento em diante, a aparição pública da juventude será revestida de um intenso pessimismo e por uma descrença geral na sociedade, que só irá se dissipar em meados dos anos 50 com a formação daquilo que Edgar Morin (1969) chamou de Terceira Cultura. A Terceira Cultura é decorrência do *boom* tecnológico que o mundo viveu depois da Segunda Guerra Mundial e que levou a uma popularização do cinema, da imprensa, do rádio, da televisão, etc. O salto tecnológico possibilitou à juventude, na criação de novos canais e veículos, como formas mais autênticas de manifestação.

Juventude e cultura de massas

O século XX trouxe novos meios de sociabilidade e integração social - o rádio, o cinema, a indústria fonográfica, etc.- Tornando decisivas suas influências sobre a vida da juventude. Porém, essas novas técnicas logo serão incorporadas pelos jovens como forma mais cotidiana de interferência em um mundo social para eles amplificado. A juventude deixa, pois, de ser apenas receptora de cultura, suas manifestações ganham notoriedade e de receptora ela passa a criadora de uma nova maneira de ser e viver.

Essa nova configuração cultural da juventude ganha vulto, de maneira mais específica, no pós-guerra devido ao aquecimento ocorrido no setor industrial; ele possibilitou um aumento na demanda de empregos e, concomitantemente, levou mais



recursos financeiros para um número cada vez maior de famílias que passam a investir seu tempo livre em diversão e lazer.

A ampliação do tempo de lazer combinada com a popularização das novas técnicas de integração social foram, neste sentido, de fundamental importância para o surgimento de uma cultura de massas na sociedade moderna.

Foi, portanto, no compasso dessa Terceira Cultura que o fulcro do que era uma subcultura juvenil cedesse espaço para o surgimento de uma ampla cultura juvenil que, no decorrer da década de 1950, articula-se em torno de novos referenciais (principalmente o cinema e a música *rock'n'roll*) para ganhar uma posição de destaque na sociedade.

Temos aí uma nova problematização no cenário juvenil que, estimulada pelo aumento do poder aquisitivo e pelo tempo livre, cria espaços específicos para suas reuniões. As praças já não lhes são suficientes; agora eles querem o cinema, as lanchonetes, enfim, eles querem visibilidade e atenção. Os problemas comportamentais dos jovens numa sociedade pautada pela massificação cultural foi apenas um dos sintomas da mudança e da importância que esse segmento social granjeava.

97

O desenvolvimento dessa cultura está ligado a uma conquista da autonomia dos adolescentes no seio da família e da sociedade. A aquisição de relativa autonomia monetária (dinheiro para o gasto diário dado pelos pais nas sociedades avançadas e, alhures, dinheiro para o diário conservado pelos adolescentes que ganham a vida e entregam o que ganham aos pais) e de relativa liberdade no seio da família (o que nos conduz ao problema da liberalização, aqui, da desestruturação acolá, da família) permitem aos adolescentes adquirir material que lhes insuflará sua cultura (transistor, toca-discos e mesmo violão), que lhes dá sua liberdade de fuga e de encontro (bicicleta, motocicleta, automóvel) e lhes permitirá viver sua vida autônoma no lazer e pelo lazer. essa cultura, essa vida aceleram, em contrapartida, as reivindicações dos adolescentes que não se satisfazem com a semi-liberdade adquirida, e fazem crescer sua contestação a propósito de um mundo adulto cada vez menos semelhante ao deles." (MORIN, 1969, p. 140).

Na busca de autonomia e liberalização dos propósitos familiares, o cinema e a música aparecem como duas modalidades da constituição de sociabilidade da juventude;



eles serão seus referenciais mais imediatos e também os veículos de suas manifestações mais autênticas.

Esses novos produtos tecnológicos (especialmente o cinema e a indústria fonográfica) serão o suporte para a expansão dessa Terceira Cultura que ganhou notoriedade e passou a ocupar as preocupações dos adultos a partir da década de 1950, quando uma geração de jovens fazendo uso dessa nova tecnologia sai a público para desnudar suas preocupações mais íntimas e cotidianas.

Em função dessa nova conformação juvenil de maior exposição de seus problemas ao mundo público, de maior autonomia conquistada dentro da hierarquia familiar e de maior liberdade em escolher seu destino, abriu-se espaço para o conflito entre cultura culta e cultura de massas na sociedade contemporânea. Com efeito, o momento mais agudo desse conflito acontece com o aparecimento de uma geração de jovens que parecia disposta a colocar em risco todas as suas conquistas e, assim, abrir espaço para o surgimento de novos símbolos e novas motivações para suas vidas.

98

Década de 1950: a consolidação de um novo estilo de ser jovem

Em meados da década de 1950, o cinema e a música apresentam para o mundo uma nova maneira de ser jovem. No cinema Marilyn Monroe e James Dean consolidavam um novo estilo de rebeldia e de protesto contra o mundo adulto. Na música Elvis Presley também cria um novo estilo de interpretação e escandaliza o mundo com sua dança. Os jovens ganham, assim, o mundo pela tela do cinema e pelas ondas do rádio e os problemas e inquietações dos jovens americanos logo passam a ser também os problemas de jovens de outros países.

A expansão da tecnologia e o aumento dos bens de consumo como vimos anteriormente nas análises, foram de vital importância para o crescimento dessa nova cultura juvenil que emerge na década de 1950 e se consolida 1960, quando os jovens impelidos pelos seus ídolos adotam uma postura de confronto com o mundo adulto. Desse confronto surgiu um estilo inteiramente novo de viver dos jovens, que empurrados pelos heróis do cinema, desenvolvem uma vida em *gang* que se contrapõe inteiramente aos modos de vida preconcebidos pelo mundo dos adultos.



O modelo norte-americano do **rebelde sem causa** estende suas influências para a maioria dos países ocidentais, passando a ser uma referência cultural para jovens de todas as classes sociais.

Nos Estados Unidos, os *beatniks* imprimiam uma nova maneira de ser que fugia aos rigores da família, à formalidade do trabalho e à disciplina da escola. Era um sonho de liberdade. O que eles queriam era escrever poesia, ouvir *jazz*, viajar de carona, conhecer outras culturas e divulgá-las para o mundo.

Na Inglaterra, quase que concomitantemente, acontecia um movimento avassalador que também questionava a ordem estabelecida. Entretanto, enquanto o movimento *beat* foi quase que exclusivamente de classe média, dedicado à poesia e ao *jazz*, na Inglaterra o movimento dos *teddy boys* acontecia entre jovens pobres envolvidos com *rock* e que por meio das roupas procuravam debochar da aristocracia inglesa.

Enquanto, por um lado, os *beatniks* e os *teddy boys* foram a afirmação mais acabada do *niilismo*, da insociabilidade e da indisposição de vislumbrar alternativas para a sociedade, por outro, os jovens revolucionários da Hungria (1956) representavam o contraponto exato para essa desesperança, difundindo para o mundo a ideia de uma sociedade mais justa e igualitária.

O resultado dessas manifestações juvenis foi a tentativa do *establishment* de fazer um rápido rejuvenescimento dos quadros de comando da sociedade, numa tentativa de apaziguar os ânimos. Entretanto, essa tentativa parecia fazer-se tarde demais, pois os efeitos da rebeldia já haviam se expandido de leste a oeste e não se encontravam apenas no cinema e na música; agora seu descontentamento atinge também a literatura com o *nouveau roman*, a pintura através das obras de Bernard Buffet e a costura com as novas modas de Yves Saint-Laurent. Pode-se dizer, assim, que a insubordinação contra os valores da cultura dominante foi uma das principais características formuladas por esses jovens da década de 1950 que, lutando contra o tédio burocrático, forjaram o nascimento de novos símbolos, imagens e emoções para suas vidas, criando, dessa maneira, as bases de sustentação da contracultura das décadas de 1960 e 1970.

Anos 60: juventude e política



Os anos de 1960 assistem ao surgimento de um novo *élan* nas disposições dos jovens em buscar prazer e realização fora das influências restritas do lar. A maioria dos pesquisadores que analisaram a questão apontam como fator determinante para esse novo impulso juvenil algumas transformações processadas na sociedade no decorrer deste período: crescimento populacional da juventude em todo mundo, expansão da indústria de entretenimento, gradativo aumento das influências femininas na vida social, etc.

A juventude passa, assim, a ser compreendida cada vez mais como uma categoria social homogênea e, com potencial para mudar a configuração da sociedade. Esse novo aspecto da juventude, de acordo com alguns autores, está alicerçando no contínuo crescimento da indústria de lazer e nas lentas transformações ocorridas nas sociedades avançadas desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Contudo, foi somente a partir da segunda metade da década de 1960 que as manifestações juvenis ganharam importância nas manchetes de todo o mundo como um fenômeno verdadeiramente social. Neste momento, houve uma fragmentação das manifestações juvenis que, das mais diversas formas buscam renovar suas energias e reinventar suas ações na luta contra os vícios do sistema: a luta contra as ditaduras no Terceiro Mundo, o engajamento contra as injustiças raciais nos Estados Unidos, as manifestações pelo fim da Guerra do Vietnã, os movimentos estudantis, Maio de 1968 e as Barricadas de Paris, os festivais de música e o “amor livre”. Todas essas manifestações apontam para uma mudança de comportamento dos jovens que não aceitam mais o papel de coadjuvante na sociedade.

Ao refletir sobre essas mudanças comportamentais dos jovens, Theodore Roszak (1972) assinala que a sociedade da década de 1960 ainda trabalhava para impor uma moral uniforme para o mundo coletivo, dizendo o que podia e o que não podia ser feito. De acordo com este autor, o desejo de manter a ordem vigente através de códigos, normas e disciplinas rígidas chocou-se com os novos hábitos culturais de uma significativa parcela da população que, desde meados dos anos 50 vinha lutando por uma maior liberalização dos costumes. Porém, todas as vezes que a busca dos jovens de apontar alternativas para a sociedade estava perto de alcançar êxito o *establishment* por meio da política de gabinete procura sufocar essas manifestações:



Na França, os aguerridos estudantes da rebelião de maio de 68 foram obrigados a assistir ao conluio entre a amolecida CGT e o PC, que passaram a agir como órgãos de confiança do presidente De Gaulle na manutenção do governo responsável e ordeiro face a ameaça de ‘anarquia’ nas ruas. (ROSZAK, 1972, p. 17).

Esses acordos de gabinete deixam a juventude desesperançada e desiludida com a política convencional das velhas gerações; assim sem vislumbrar perspectivas completas que pudessem acalentar seus desejos de mudança, houve nesse momento, uma radicalização da posição política dos jovens que, passam a solidarizar-se com as guerrilhas de caráter socialista. O fato que mais precisamente comprova essa atitude é aliança de Régis Debray com Che Guevara na Bolívia. No Brasil, do mesmo modo, uma geração de estudantes também esteve presa a esta utopia, de que a luta armada contra o regime militar seria a única alternativa na busca de um mundo mais justo para as gerações do presente e do porvir.

101

É importante sinalizar, todavia, que a luta contra as ditaduras e a adesão de determinados seguimentos juvenis à luta armada não foram as únicas maneiras de resistência ao sistema encontradas pelos jovens da década de 1960. Concomitantemente, a essa radicalização das posições políticas houve, também, um desvio para movimentos culturais de vanguarda que chamava atenção para outra forma de resistência: aqui o Cinema Novo e a Tropicália; do outro lado do Atlântico, o “cinema de arte” e os Beatles, Woodstock e as comunidades *hippies*. É exatamente a combinação desses diferentes tipos de movimentos que caracteriza a natureza rebelde dos jovens na civilização moderna. De acordo com Matza (1968), essa rebeldia pode ser manifestada em três tradições distintas: a Tradição Delinqüente, mais relacionada aos jovens do estudo secundário que rejeita os sentimentos burgueses de método e rotina, particularmente quando se manifestam dentro do sistema escolar; a Tradição Boêmia está associada a uma faixa etária mais elevada e sua atitude é de total indiferença frente aos valores da ética burguesa, por isso, ele se opõe à tendência mecanizada, organizada centralizada e crescentemente coletiva do capitalismo moderno; a Tradição Radical, por sua vez, está mais vinculada às diferentes versões do Marxismo Revolucionário e, sendo assim, seu



principal objetivo de ataque é o sistema capitalista de dominação política e econômica, e o papel imperialista supostamente desempenhado por tais sistemas em assuntos internacionais.

Essas três tradições balizaram os movimentos juvenis modernos e exerceram influências marcantes sobre as manifestações culturais e políticas ocorridas nos anos 60, principalmente a Tradição Radical, sustentada basicamente pelo ideário marxista e que propaga que esse mundo maligno um dia chegará ao fim e será substituído por um mundo mais justo e puro. Não se sabe se esse mundo justo e puro foi alcançado, o fato é que muitos daqueles que participaram dessa Tradição Radical na luta contra a ordem estabelecida, mudaram de lado e hoje - conforme assinalou Mannheim - agem em defesa do *status quo*.

Década de 1970: Nascimento dos *Punks*

102

Se a década de 1950 representa a primazia da rebeldia juvenil, os agitados anos 1960 significam sua contínua expansão pelos cinco continentes através dos movimentos de contracultura. A década de 1970, por sua vez, sinaliza o começo do fim de um período; afinal, apesar de todo o protesto e resistência, os regimes militares se fortaleciam no Terceiro Mundo. Che Guevara é assassinado na Bolívia e John Lennon pronuncia sua célebre frase: *the dream is over*. As utopias, os sonhos, o “amor livre” da década de 1960 pareciam não se amoldar mais aos padrões estéticos dos anos sombrios da década de 1970. Nesse compasso a sociedade a cada dia fica mais tecnocrática³, impondo, dessa maneira, uma conduta cada vez mais disciplinar aos indivíduos.

O momento é, pois, de total pessimismo. Num contexto mais amplo, a crise do petróleo e a Guerra do Vietnã esvaziavam as utopias e expectativas que jovens ocidentais alimentavam de uma sociedade mais humanitária. Num contexto mais localizado, isto é, no Brasil, a conjuntura econômica, política e social era marcada pela ditadura militar que, de maneira rigorosa inibia a emergência de culturas alternativas.

³ Para Roszak, sociedade tecnocrática é aquela que atinge o ápice de sua integração organizacional por meio de imperativos incontestáveis como procura de eficiência e segurança, combinados com o desejo de racionalização e planejamento.



Será que os jovens, depois de experimentarem a ousadia inicial de se rebelarem contra a organização do mundo adulto na década de 1950 e, em consequência disso viverem a liberdade total na década de 1960, viviam um momento de pouca criatividade, de apatia e omissão na década de 1970? Será que o sonho de liberdade tinha de fato se findado? Será que os jovens abririam mão de suas conquistas e passivos voltariam a viver sob a tutela familiar? Ou será que esse ambiente de desilusão e pessimismo, que foi o início na década de 1970, seria a base para o nascimento de outro movimento juvenil?

Em meados dos anos 1970 o jovem subitamente se vê órfão de ideais e perde poder de ação. Seus ídolos, os que não morreram de overdose, estavam enclausurados em castelos na Suíça, e não cantavam mais a sua realidade cotidiana; quando tudo parecia estar acabado, ecoou na Inglaterra um novo grito de rebeldia: nasciam os *punks*. Os *punks* são, pois, filhos da desilusão expressa por John Lennon no fim da década de 1960 e da falta de perspectiva que a juventude vivia em meados da década de 1970.

103

O movimento *punk* é, assim, uma resposta contundente ao pessimismo reinante no início da década de 1970 e, ao mesmo tempo pretende ser também um contraponto ao *rock* tradicional representado pelas bandas da década de 1960. Porém em pouco tempo suas bandeiras de luta ampliam-se para outros valores, como por exemplo: rejeição à moda, aos ídolos e aos valores “carcomidos” da sociedade. Nessa perspectiva eles buscam alternativas culturais inovadoras para os jovens, e por meio de valores comuns, criam um novo estilo de vida que de maneira geral, tem como base as suas realidades cotidianas refletidas na música.

Ao analisar o movimento dos fãs do *jazz* nos Estados Unidos, Hans Heinrich Muchow (1968) apresenta duas hipóteses que ainda hoje são relevantes para compreender o cenário juvenil. Segundo o autor, os jovens sentem através da música alguma coisa que não conseguem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido. Assim à medida que determinado tipo de música vai sendo rejeitada pelos adultos, cada vez mais vai sendo incorporada como cultura de protesto pelos jovens. Muchow verifica isso em suas análises.



A rejeição da música de jazz por parte de quase todos os adultos (música selvagem, maluca, de negros, baderna, que comprova a ausência de cultura, além de outras ‘justificativas’), faz com que os jovens deixem o lar. (MUCHOW, 1968, p. 111).

É, portanto, em um ambiente de permissividade e diversidade, fora do controle direto da família, que o jovem encontra espaço para desenvolver com liberdade e autonomia uma cultura voltada para sua própria realidade. Entretanto, essa cultura específica de grupos juvenis não tem como meta primordial o combate ao *status quo*; em realidade, num primeiro momento, o que o jovem quer é a liberdade de ação, que ele não encontra no espaço restrito da casa e, só mais tarde com o desenvolvimento de atividades coletivas é que o jovem organiza-se como agente social e expressa sua oposição acumulada contra os adultos.

Assim, dadas as suas características mais gerais (idade, baixa escolaridade, moradores do subúrbio), o universo dos *punks* e também dos *skinheads* insere-se em uma problemática semelhante àquela vivida pelos fãs do *jazz*. No entanto, esses dois grupos só despontam para a sociedade como fenômenos sociais na década de 70 num contexto de intensa desilusão juvenil.

Uma nova luz sobre o movimento juvenil brasileiro

Guardadas as devidas proporções, o movimento juvenil brasileiro é permeado por muitas semelhanças com seus congêneres europeus: o conflito de gerações, a rejeição a valores universais, como escola e trabalho, a transgressão generalizada contra as leis, a inadaptação às formalidades da sociedade, entre outros. Entretanto, a preocupação dos estudos acadêmicos sobre o tema esteve, até os anos 70, circunscrita, basicamente, a setores da classe média, especialmente ao movimento estudantil.

Octavio Ianni (1968), por exemplo, ao analisar o comportamento do jovem na sociedade moderna, assinala que seu comportamento é movido por um radicalismo exacerbado contra o sistema social em que se encontra imerso. Esclarece que essas ações radicais são, via de regra, desenvolvidas por jovens ilustrados que ao perceberem que o



capitalismo quer gerenciar suas atitudes e desejos, rebelam-se contra a ordem vigente e esforçam-se para construir uma nova realidade.

O jovem que não se rebela não realizou a consciencialização da condição alienada do homem na sociedade capitalista: ou porque foi amplamente envolvido e integrado pela ordem estabelecida ou por não ter condições intelectuais para formular a própria condição real. (IANNI, 1968, p. 240).

De acordo com o autor, esse jovem politizado e consciente de seu papel na sociedade projeta suas forças para instituições organizadas – partidos políticos de esquerda e de direita - onde pensam encontrar alternativas para os problemas sociais de sua vida cotidiana. Nessa busca de alternativas, o jovem adquire consciência de sua alienação e da alienação do ser humano na sociedade capitalista; essa descoberta empresta ao jovem uma nova práxis que o leva a agir na perspectiva de transformar sua realidade imediata, “projetando formas sociais que negam em diversos graus o presente”.

105

Nesta mesma linha argumentativa Marialice Foracchi (1972), argumenta que o movimento estudantil pode ser considerada a forma predominante de contestação juvenil na sociedade moderna. Esse destaque pode ser explicado pela condição de vida privilegiada (estudantes universitários provenientes das camadas favorecidas) que caracteriza essa rebeldia dos jovens no Brasil na década de 1960.

A universidade representa, assim, para o jovem da classe média uma situação inteiramente nova: num primeiro momento, ele busca, neste ambiente, apoio no grupo para favorecer sua disposição de não se adaptar ao *status quo*. Contudo, num segundo momento, sua recusa em aceitar os padrões de vida da ordem estabelecida sofre uma significativa alteração, quando o jovem percebe que seu ingresso na universidade tem como objetivo primordial construir uma carreira ocupacional que lhe dê *status* na sociedade.

A redefinição da condição de adulto, sua efetivação em modos compatíveis com a percepção crítica que o jovem elabora, com relação às opções existentes, coloca a carreira profissional como um desafio a enfrentar. (FORACCHI, 1972, p. 76)



Assim, é possível compreender o problema do estudante como uma particularização do problema do jovem na sociedade moderna; o que diferencia um do outro são suas práticas de intervenção social. Desse modo, o primeiro por ser um movimento de natureza política adota em suas estratégias de luta uma ideologia adulta sendo, por isso mesmo, facilmente incorporado ao *status quo*. O comportamento político do estudante não difere, essencialmente, do comportamento político do intelectual adulto, no qual ele acabará por converter-se enquanto integrante da elite dirigente. O segundo, por sua vez, rejeita qualquer prática que possa limitar seus horizontes e sua independência na sociedade. Ao contrário dos estudantes, os *hippies* não são domesticáveis pelo sistema porque se fecham, pelo isolamento, a qualquer tentativa de negociação. Não jogam com a politização e sim com a adesão espontânea.

A nova luz de análise sobre o fenômeno juvenil brasileiro aparece em início dos anos 80, quando os pesquisadores preocupados com o crescente contingente de excluídos sociais, percebem nestes uma proposta inteiramente inédita de enfrentar as adversidades da vida cotidiana. Assim, os *hippies*, *punks*, *skinheads*, entre outros, tornam-se objeto de pesquisa na trilha daquilo que Marcuse havia alertado como essencial já nos anos 1960, como verificamos anteriormente.

Na tentativa de compreender esses novos movimentos sociais boa parte desses analistas concentraram seus esforços no movimento *punk* e *skinhead*; entendendo estes como os mais originais e criativos dessa nova confluência de manifestações juvenis.

O início da década de 1980 transforma-se, assim, no marco da mudança de fulcro nas análises sobre o comportamento social da juventude brasileira. Novos temas e novos problemas são inventariados pelos estudiosos das humanidades. As reflexões sobre o movimento *punk* chegam à universidade como tentativa pioneira de se compreender as novas modalidades de contestações juvenis. Essas novas modalidades de protesto legaram um estilo inteiramente inédito de intervenção dos jovens no espaço urbano.

O estilo não foi simplesmente uma cópia do *punk* inglês, pois seu conteúdo era constituído por valores de classe popular, sua classe social. Inédita também na história da juventude brasileira era a sua organização, dando-lhe um caráter



de movimento urbano ou melhor, suburbano, negando completamente o que a imprensa acusa: mais um movimento importado (PEDROSO, 1983, p. 6).

Antônio Bivar (1982), no livro, *O que é Punk?*, após fazer uma genealogia do movimento (destacando o *punk* como uma derivação radicalizada do *rock'n'roll*), aponta também para esse caráter inédito do movimento, ao mesmo tempo que procura esclarecer as diferenças entre estilo e moda.

Acontece em Londres a Guerra de Estilos. A cidade torna-se a partir de então, o maior parque de movimentos jovens de todo o mundo. Começa-se a falar de *stylepower*, o poder do estilo. A palavra moda cai de moda. Agora é a vez do estilo. Moda é o que é seguido por pessoas que não sabem quem são, pessoas que dependem de revistas de moda para criar uma identidade para elas. Estilo é decidir quem você é e perpetuar essa decisão. Ou dizendo-o de outro modo, ter estilo é ser você mesmo mas com propósito. (BIVAR, 1982, p. 77)

Essas observações reforçam o argumento de que o estilo *punk* não se circunscreve apenas no universo restrito da moda – ele vai além e é, antes de tudo, a necessidade de se criar novas formas de lazer e diversão que redefinam o papel do jovem na sociedade. É o desejo de mudança e transgressão; é enfim, uma resposta contundente dos jovens suburbanos contra um sistema segregacionista e excludente.

O movimento *punk* passa, então, a ser o centro de atenção dos excluídos do processo democrático, pois enxergam nesse movimento a possibilidade de ter um estilo autêntico de vida concebido através de símbolos. Janice Caiafa (1985) no livro observa que a utilização dos mais diferenciados símbolos pelos *punks* do Rio de Janeiro, é uma forma autêntica de resistência ao enquadramento na ordem estabelecida encontrada pelos jovens suburbanos.

A moda pode adotar o negro, o cabelo arrepiado enquanto corte exótico, o couro e mesmo as correntes enquanto adorno. As butikues podem redesenhar as estamparias suburbanas, como a cobra e a onça que o *punk* usa. Mas é inimaginável a situação da multiplicação da suástica em broches ou *collants* numa vitrine. (CAIAFA, 1985, p. 83-84).



A resistência à absorção de certos símbolos pelo sistema não significa, porém, que os *punks* lidam com essa realidade de maneira pacífica e harmoniosa. Assim, alguns símbolos (é o caso da suástica), provocam uma situação de disputa por sua alegoria; essas disputas geram divergências que levam quase sempre, à formação de outro grupo tendo como identificação outro símbolo alegórico.

Os pesquisadores citados elaboram a tese de que o apego a símbolos comumente rejeitados pelos adultos foi, por muito tempo, uma alternativa encontrada pelos *punks* brasileiros para não deixar que suas manifestações caíssem no modismo da sociedade de consumo, “onde tudo vira mercadoria”. Assim, eles lograram construir um estilo de identificação em que o gosto pelo extremo e pelo exagerado (lixo, suástica, preto, etc.) os resguardassem da influência nefasta da mídia.

O fenômeno *punk* brasileiro busca, então, nesse momento embrionário, demarcar um território e construir uma identidade própria, que os distanciem dos movimentos engajados do fim dos anos 1960 e, ao mesmo tempo, os defenda do modismo. É isso, aliás, que invariavelmente sustenta as primeiras conclusões sobre esse movimento, enxergando nele uma busca original de protesto adaptado à realidade local. A rebelião *punk* de São Paulo não é, portanto, uma cópia importada do *punk* de fora, mas uma identificação adaptada à realidade local.

Nessa perspectiva, os referidos pesquisadores localizam no universo simbólico dos *punks*, a violência como uma de suas características mais marcantes. De acordo com esses analistas, a violência é, via de regra, dirigida contra o sistema que vigia e oprime. Caiafa pondera que para os *punks*, destruir o sistema significa destruir tudo aquilo que produz sofrimento com suas mentiras e enganos. Do mesmo modo, Pedroso e Souza sugerem que a violência não é dirigida contra pessoas, mas sim contra o sistema burguês de dominação:

Uma das características é a violência, pois esta permeia todo o universo simbólico dos *punks*, sendo que ela é dirigida (o que indica não ser violência pela violência): o movimento assume um caráter revolucionário porque contesta todos os valores burgueses e os regimes socialistas existentes, ou melhor, todos os sistemas que implicam dominação.



O movimento *punk* é, nesse primeiro momento, interpretado como uma manifestação original da juventude brasileira, porém sem propósitos claros para a sociedade, na medida em que seu desejo é apenas denunciar o estado degradante da vida cotidiana. Como o movimento *punk* nunca teve a pretensão de ser uma alternativa viável de sociedade para os jovens, os pesquisadores que primeiro refletiram sobre esse fenômeno, por exemplo, Pedroso e Souza, tendem a caracterizá-lo como uma manifestação de caráter *niilista*, pois objetiva apenas a destruição de todos os valores da sociedade. Por outro lado, Caiafa sugere uma situação de **caos ideológico** permeando todo o comportamento social dos *punks*, uma vez que esses grupos convivem com uma diversidade de símbolos incompatíveis sob o ponto de vista político e ideológico.

Nossa percepção, contudo, está mais próxima dos clássicos argumentos que Karl Mannheim (1968), elabora como tentativa precípua de se compreender os problemas do jovem na sociedade moderna. Mannheim verifica que o gosto pela destruição e as manifestações de caráter supostamente revolucionário dos jovens podem e devem ser compreendidas como um radicalismo de natureza transitória pelo qual passa o indivíduo jovem na sociedade. Por isso, o fato de o jovem adotar posturas marcadamente de transgressão com o meio em que vive deve-se ao fato de que este não está completamente enredado ao *status quo*; a partir do momento em que o indivíduo assume as responsabilidades da vida adulta ele passa a adotar uma atitude defensiva, esquece seu passado rebelde e adota posições mais conservadoras na sociedade. As declarações de Johnny Rotem, justificando o retorno do *Sex Pistols*, são nesse sentido reveladoras: “nós encontramos uma causa comum, o dinheiro. Não precisamos realmente disso, mas um pouco mais, por que não? É um assalto à luz do dia”.

Do mesmo modo, deve-se compreender o **caos ideológico** dentro de um contexto histórico específico em que se redefiniram as posturas ideológicas desses movimentos. No plano interno, a Nova República reacende a esperança de redemocratização imediata do país, mudando estratégias de luta de organizações de esquerda e, também de movimentos marginais - como os *punks*. No plano externo, pode-se dizer que os efeitos da Guerra Fria incentivavam a disputa ideológica, criando mitos e elegendo inimigos contra a saúde do capitalismo. O *punk* encontra-se em meio a essa redefinição de valores



desenvolvidos nos anos 80 e, para buscar identidade própria e não ser apenas mais uma peça no jogo, o movimento adota os símbolos rejeitados pela ordem estabelecida (a suástica e o símbolo do anarquismo são os mais comuns) como tentativa de preservar a originalidade do grupo.

Pode-se dizer, assim, que o *niilismo* e o **caos ideológico** verificados nos primórdios do movimento *punk* existem como uma estratégia para não deixar o movimento se transformar em modismo e assim virar mais uma mercadoria na sociedade de consumo.

Mais recentemente, Márcia Regina Costa (1993) e Helena Wendel Abramo (1994) procuram também compreender o movimento *punk* e *skin* sobre a ótica de uma nova interpretação das manifestações juvenis que emergem na sociedade brasileira no início dos anos 80. Essas pesquisadoras ponderam que os novos movimentos juvenis têm uma atuação sem precedentes na sociedade. (A música é o instrumento mais forte e original de intervenção social desses movimentos). Desse modo, o *punk* tem, nesse primeiro momento, uma atuação articulada basicamente através de suas reuniões musicais, onde cantam seus problemas cotidianos: desemprego, analfabetismo, pobreza, violência e tantos outros são relatados na letra das músicas como um sinal, um grito de alerta para a sociedade.

O fato é que essa nova realidade juvenil traz uma nova configuração para o espaço público. Se antes, na década de 1960, esse espaço era ocupado, basicamente por jovens de classe média, agora, na década de 1980, outra variedade de movimentos suburbanos ganham visibilidade e passa a disputar os espaços de entretenimento - praças, parques e até mesmo as galerias começam a serem ocupadas por esses novos artistas - para onde levam suas músicas para denunciar as misérias do cotidiano.

O *punk* ganhou notoriedade com essa exposição e, assim, uma série de movimentos começa na esteira de suas representações. O caso que mais precisamente comprova essa análise é o nascimento dos *darks* e do movimento *new wave* em meados dos anos 80.



A movimentação que acontecia no universo musical após o impacto *punk* chamou a atenção: por um lado, o próprio fenômeno *punk*, a sua reviravolta sonora em busca de um rock mais básico, a proposta de uma atuação através da música; por outro lado, as novas pesquisas desenvolvidas a partir daí, por outros grupos de vários países europeus e norte-americanos, genericamente batizadas de *new wave*, que envolviam elaborações mais melódicas e intelectualizadas, menos ‘fúrias’ do que a dos *punks* (ABRAMO, 1994, p. 120)

Curiosamente, o surgimento dessa nova onda musical será o centro de novos conflitos que acabará por levar à inevitável dissolução dos *punks*, onde aqueles que se consideram os verdadeiros representantes do movimento afastam-se dos seguidores da moda e buscam manter a fidelidade às origens do movimento, isto é, não deixar jamais que a moda incorpore seu estilo. Em 1982, no Rio de Janeiro, com a reativação do rock e a sua banalização através do *new wave*, os *punks* do subúrbio lançaram o seu brado de revolta e desobediência. A formação dos primeiros grupos *skinheads* acontece também por divergências com a atuação do grupo.

111

Os núcleos iniciais de ‘carecas do subúrbio’, vão aparecer exatamente naquelas zonas da Grande São Paulo que estavam envolvidas na famosa ‘guerra de regiões’. Ao nível do discurso e através de ações e atitudes, eles começaram a construir o movimento ‘carecas do subúrbio’, o qual se oporia àqueles que teriam ‘traído’ a verdadeira identidade *punk*. Ou melhor, àquela parcela de *punks* que passaram a assumir uma linguagem mais teorizada, de negação à violência e, portanto, mais digeríveis, para o conjunto da população. Gradativamente os ‘carecas’ passaram a se identificar com os *skinheads* ingleses, exatamente devido a sua conotação de radicalidade, de não aceitação por parte do sistema e de oposição aos *punks*. (COSTA, 1993, p. 70-71)

Pedroso e Souza verificam também, que o crescimento acentuado dessas divergências desencadeou, no início da década de 1980, uma violência sem precedentes no interior do movimento *punk*. Nesse momento, o comportamento agressivo dos *punks* do ABC entra em choque contra o comportamento **adocicado** dos *punks* de São Paulo, dando início à **guerra de regiões**. Essas rixas, **tretas** diminuiu sensivelmente a frequência dos *punks* do ABC na cidade de São Paulo, desencadeando então, uma disputa por território, onde cada grupo, por meio da agressividade e da força busca impor limites para a atuação de seu oponente. Os *punks* do ABC, reivindicando a originalidade do



movimento, adotam uma postura mais agressiva no **visual** e nas ações e passam a classificar pejorativamente os *punks* de São Paulo como o **peessoal da city**. Cria-se, assim, uma oposição aberta entre o ABC e a cidade de São Paulo que, no decorrer desse período vai definindo o estilo de atuação de cada um desses grupos.

Assim é que o estilo *punk* do ABC assume a forma de uma transgressão dirigida contra as instituições burguesas e, ao mesmo tempo, manifesta também uma violência generalizada, explícita e aberta contra os inimigos do seu cotidiano. O *punk* elege inimigos que, via de regra, são os alienados, os **burguesinhos** que ficam **parasitando** no *shopping* sem se dar conta da miséria social. O curioso é que eles adotam, também, outras estratégias de resistência, das quais as mais importantes são as músicas que relatam as duras realidades cotidianas; os *fanzines*, que denunciam e alertam contra as opressões e perseguições policiais e, por fim, as roupas e os símbolos que são usados como uma forma de repúdio ao enquadramento social, o que empresta ao movimento uma “proposição de estilo de vida original e autêntico”.

112

Os *punks* de São Paulo estão também inseridos nesse estilo de vida original e autêntico do qual nos fala Pedroso e Souza. Contudo, adotam uma postura mais ideologizada frente à realidade social; aproximam-se dos ideais anarquistas e, a partir daí, tentam construir um estilo de atuação mais politizada, criticando mais objetivamente a situação política e econômica na qual se encontram imersos. Aliás, foi dessa necessidade de marcar posição, de se tornar diferente que nasceram as divergências inconciliáveis que, mais tarde, dariam origem aos *skinheads* brasileiros.

O movimento *punk* foi forjado por meio de um estilo espetacular de atuação, na medida em que ele apoia-se num exibicionismo exagerado, num gosto pelo extremo e que tem como objetivo final chamar atenção, assim, sua aparição acontece no melhor estilo cênico, pois tem como propósito explícito chocar, impactar, atrair atenção e deixar registrado na sociedade seu estilo espetacular.

A atuação nesses grupos se centra no aparecimento espetacular no espaço público, que envolve uma estratégia de choque pela apresentação do inusitado, do desconcertante e da agressão. (ABRAMO, 1994, p. 158)



É possível verificar, dessa maneira, que os anos 80 são marcados por transformações significativas no comportamento social da juventude brasileira. O engajamento político foi momentaneamente esquecido e a juventude busca agora, por meio de uma aparição cênica, articulada em seus referenciais cotidianos, construir um estilo original e autêntico de atuação social.

Assim, diferentemente de Abramo, que interpreta o movimento *punk* como um estilo de vida espetacular, nossas observações estão mais próximas dos conceitos presentes nas reflexões de Pedroso e Souza que enxergam nesse movimento uma “proposição de um estilo de vida original e autêntico”. A ideia de um estilo de vida original fundamenta-se na atuação social desses grupos no espaço público, para onde eles levam uma proposta de lazer e de entretenimento desvinculada do mundo da moda e das corporações sociais. Aliás, é essa busca de alternativas para as diversões que empresta a esses grupos um caráter inédito e um estilo inteiramente original de atuação social.

Original significa o que não ocorreu e nem existiu antes, inédito, novo, que foi feito pela primeira vez. Autêntico significa fidedigno, verdadeiro, real (Dicionário Aurélio). É com esse comportamento inédito, novo, verdadeiro e real que os *punks* projetam suas energias para o espaço público na tentativa de ser um referencial e uma alternativa de vida para os excluídos do processo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Scrita, 1994.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1984.
- BIVAR, Antonio. **O que é Punk**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- COHEN, A. K. “A Delinquência Como Subcultura”. *In: Sociologia da Juventude*. Vol. III. Org. Sulamita de Brito (4 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
-



COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno.** Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

EISENSTADT, S. N. **De Geração em Geração.** São Paulo: Perspectiva, 1968.

FAU, René. “Características do Grupo Durante a Adolescência. *In: Sociologia da Juventude.* Vol. III. Org. Sulamita de Brito. (4 volumes). Rio de Janeiro. Zahar, 1968.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A Juventude na Sociedade Moderna.** São Paulo. Pioneira/ Edusp, 1972.

IANNI, Octávio. “O Jovem Radical”. *in: Sociologia da Juventude.* Vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MANNHEIM, Karl. “O Problema da Juventude na Sociedade Moderna”. *In: Sociologia da Juventude.* Vol. I. Org. Sulamita de Brito. (4 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

114 MATZA, David. “As Tradições Ocultas da Juventude”. *In: Sociologia da Juventude.* Vol. III. Org. Sulamita de Brito. (4 volumes) Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MORIN, Edgard. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo.** Vol. I. **Neurose.** 2º Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MUCHOW, Hans Heinrich. “Os Fãs do Jazz como Movimento Juvenil de Hoje”. *In: Sociologia da Juventude.* Vol. III. Org. Sulamita de Brito. (4 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

PEDROSO, Helenrose da S. & SOUZA, Heder Cláudio Augusto de. “Absurdo da Realidade: o movimento punk”. *in: Cadernos IFICH UNICAMP,* 1983. (xerografado).

ROSENMYR, Léopold. “A Situação Sócio-Econômica da Juventude de Hoje”. *In: Sociologia da Juventude.* Vol. III. Org. Sulamita de Brito. (4 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil.** Petrópolis: Vozes, 1972.



SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade.
Tradução de Lígia Araujo Watanabe. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

